

a  
ANPEGE

Associação Nacional  
de Pós-Graduação e  
Pesquisa em Geografia

SEÇÃO TEMÁTICA

TURISMO, TERRITÓRIO E AUTODETERMINAÇÃO  
Estudos Críticos de

REVISTA DA

AN  
PE  
GEE

ISSN 1679-768X



VOLUME

19

N. 40 (2023)

REVISTA DA ANPEGE | v. 19 nº. 40 (2023) | e-issn: 1679-768x

# REESCREVENDO OS CAMINHOS PARA UM TURISMO CRÍTICO COMPROMETIDO COM A EMANCIPAÇÃO HUMANA: PROPOSTAS, DIMENSÕES, TEMAS E ABORDAGENS

*Apresentação*



**JEFFER CHAPARRO MENDIVELSO**  
**ROSANE BALSAN**  
**THIAGO SEBASTIANO DE MELO**

A Rede Internacional de Estudos Críticos de Turismo, Território e Autodeterminação (Reescrita) foi oficializada e realizou seu primeiro encontro em 2017. Na ocasião, ocorrida em Nampula/Moçambique, apontou-se a importância de aproximar pesquisas turísticas comprometidas com a emancipação humana e com a (re)organização social, escapando das armadilhas reformistas, sem desconsiderar as necessárias transições e as idiosincrasias dos tecidos sociais locais. Esta postura foi corroborada e aprofundada em 2019, no segundo Encontro da Reescrita, realizado em Bogotá, Colômbia, e aponta os caminhos organizativos para o III Encontro, que terá lugar em Cuernavaca, México, entre 29 de janeiro e 2 de fevereiro de 2024.

Diante desses pressupostos, no esteio de mais de cinco anos de articulações da rede, objetivamos mobilizar e publicizar as diversas pesquisas e ações que têm sido realizadas por sujeitos e realidades que constroem a Reescrita. Esta nos parece uma condição para avançar na perspectiva internacionalista que aproxime e aprofunde teorias, métodos e metodologias que não se limitem e se contentem com as propostas circunscritas às coordenadas do modo de produção capitalista. Trazer diferentes proposições em termos de dimensões, abordagens e temáticas que compõem o fenômeno turístico e as mediações para alinhavá-las internacionalmente é um passo na seara inter e transdisciplinar de consolidação do turismo como campo do saber comprometido com a emancipação humana.

Sediar esta Seção Temática numa revista tão prestigiada consolida uma dupla dimensão: por um lado, a maturidade das pesquisas elaboradas no seio da Reescrita, que buscam trazer aportes críticos que rompem com elaborações com certo verniz crítico, mas que se revelam reformistas e que não vislumbram a superação do capitalismo como modo de produção e sua sociabilidade derivada; por outro, a importância que esse fenômeno social, multiescalar e multidimensional, ganha na reorganização produtiva contemporânea e o conseqüente rebatimento na superestrutura e nos territórios.

Que as experiências e as ocupações turísticas, que em seu conjunto conformam aquele grupo que internacionalmente se convencionou nomear como Atividades (e Serviços) Características do Turismo (ACTs), estejam no horizonte analítico das mais refinadas reflexões sobre a sociedade contemporânea e suas determinações históricas (Rolnik, 2015; Harvey, 2015; Antunes, 2018) é já um sintoma da força com a qual este fenômeno social irrompe o tecido social internacionalmente.

Fica ainda mais nítida esta potência, que de um lado é agente das (sobre)determinações territoriais, e, de outro, é chave de entendimento das novas possibilidades explicativas e de intervenção, quando notamos a representação entre os textos da Seção Temática da Rede de Turismo, Geografia e Literatura (Entremeio). Esta parceria entre pesquisadoras e pesquisadores de diferentes países e instituições propiciou que as duas últimas edições do Simpósio Internacional de Geografia, Literatura e Arte (Sigeoliterart) trouxessem de modo central e definitivo o turismo para a centralidade da preocupação também daquela rede, legando as lentes da literatura e da arte para a (re)visão crítico-emancipatória do turismo, em indissociável relação com a geografia, notadamente por meio das abordagens territoriais.

Tais abordagens, com diferentes perspectivas e metodologias, permitem que esta Seção Temática aponte limites e possibilidades para que o turismo componha táticas e estratégia de superação do capitalismo e de suas limitações inerentes para assegurarmos existência digna para os sujeitos que lutam por sua reprodução social. A diversidade existencial comparece como elemento incontornável da seara proposta pela Reescrita. O antagonismo principal deste modo de produção, como catalisador da submissão da saúde à lógica da mercadoria.

A lição de Florestan Fernandes (2015) a respeito do não cabimento de escamotear a relação entre ciência, política e ideologia é cimento teórico com o qual a Reescrita tem construído seus caminhos como sujeito coletivo que busca cooperar com as “maneiras de transformar mundos” (Safatle, 2020). E para tanto importa atentarmos às experiências históricas.

A Revolução de Outubro traz, por um instante, um novo tipo de poder. Transitoriamente, há uma mudança para o controle da produção pelos trabalhadores e para os direitos dos camponeses à terra. Igualdade de direitos para homens e mulheres no trabalho e no casamento, direito ao divórcio, apoio à maternidade. Descriminalização da homossexualidade, cem anos atrás. Movimentos no sentido da autodeterminação nacional. Educação gratuita e universal, expansão da alfabetização. E, com a alfabetização, vem a explosão cultural, a sede de aprender, o desenvolvimento das universidades, séries de palestras e escolas de adultos (Miéville, 2017, p. 303-304).

Em que pese toda a diferença política e social entre o contexto da Revolução Russa de 1917 e os dias que correm, o relato acima não deixa de ser uma lufada de ar utópico na aridez da intoxicação reducionista dos gases capitalistas e desse aprisionamento acadêmico que tem cerceado o potencial de que as universidades sejam fontes de ebulição social e parceiras dos movimentos sociais em larga escala.

Os textos que compõem a Seção temática acenam com possibilidades e experiências de três países: Brasil, Colômbia e Moçambique. Emergem cenários e paisagens que entoam a emancipação humana como parâmetro de ação coletiva. Grafita no radar organizativo a necessidade de aprofundarmos e aprimorarmos as trocas e construções em parceria no âmbito da Reescrita.

Cabe, por tudo isso, agradecer imensamente a cada autora e autor que contribuiu para exprimirmos neste valoroso veículo acadêmico nossa peleja internacional em busca da emancipação humana, tendo como mediação comum o turismo, o território e a autodeterminação.

Por fim, registramos o protagonismo, o compromisso ético-político do corpo editorial da revista, que se revela em sua inteireza e grandiosidade nas duas últimas Seções Temáticas, a saber, *A Geografia que propõe ao Brasil: conjuntura e políticas públicas* e *Geografias Negras*. Fazer desta revista de excelência um instrumento de disputa e consolidação de perspectivas emancipadoras no âmbito da geografia e da ciência nacional é fato que merece não só respeito como crédito e congratulações.

Teremos cumprido nossa tarefa se nossa Seção Temática for uma modesta contribuição para reescrevermos os caminhos do turismo nas linhas da emancipação humana. Boa leitura!

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2018.

FERNANDES, F. *Poder e contrapoder na América Latina*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

HARVEY, D. *Paris: capital da modernidade*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Boitempo, 2015.

MIÉVILLE, C. *Outubro: história da revolução*. Trad. Hecci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017.

ROLNIK, R. *Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças*. São Paulo: Boitempo, 2015.

SAFATLE, V. *Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.